

“O FRUTO PROIBIDO”
Do Valor de uma Encenação Terapêutica

LUCIANO MOURA
AMÉLIA BENTES

Comunicação apresentada no V Congresso Português de Psicodrama,
Figueira da Foz, 3/4 de Abril de 1998



Fig. 1



Fig. 2

Introdução:

Apresenta-se a descrição de um Jogo Dramático com o qual os autores julgam construir uma encenação facilitadora dos objectivos do Psicodrama Moreniano: o de, no mesmo momento do “aqui e agora” dramático, ser possível, ao protagonista e aos observadores, a sincronia do diagnóstico e integração terapêuticos.

O crescente interesse na busca de instrumentos de diagnóstico intrinsecamente psicodramáticos, se exige a sua utilização e génese no processual psicodramático, não pode dissociá-lo do que ele tem de indissociável: (1) que o acto de diagnóstico é sobretudo o acto de um autodiagnóstico; (2) que o o acto de diagnóstico se encontra vinculado ao momento da integração terapêutica.

Os objectivos pretendidos são:

1. Avaliar o “**insight**” do indivíduo, na sua capacidade (ou dificuldade) de auto-observar-se e autocriticar-se, em determinado tempo da dramatização; avaliar, a sua “**flexibilidade**”, na sua capacidade de “brincar” e reflectir com a situação, assumir as suas próprias características ou colocar hipóteses de mudança; finalmente, e sobretudo, testar a “**organização básica da personalidade**” dos seus protagonistas. É uma avaliação de tipo projectivo, facilmente standardizável e aplicável à investigação psicodramática.
2. Fazer surgir o paradoxo que subjaz a toda a intervenção terapêutica (Jay Haley), obrigando o protagonista ao encontro consigo mesmo e abrindo caminho à Catarse de Integração. Esta dimensão está facilitada pelo conteúdo bíblico do próprio Jogo, a saber

Conteúdo:

Trata-se de uma encenação baseada na escritura bíblica do *Livro de Génesis*, sendo os argumentos: (1) **Os Sete Dias da Obra da Criação**; (2) **A Criação do Homem**; (3) **A Criação da ÁRVORE DO CONHECIMENTO DO BEM E DO MAL**.

Inspiração:

Este Jogo foi inspirado na observação dos frescos do tecto da Capela Sistina, de Miguel Ângelo, sobretudo no seu motivo central – **A Criação de Adão**.

É pela tradição e pelo contexto que deduzimos que Deus é, aqui, representado pela figura de um Homem de meia idade, de barba branca, já que nesta pintura não observamos esplendor, triângulo, ou qualquer outro símbolo identificador da Sua divina natureza. Mas notamos um desnível dos planos de colocação das duas figuras centrais. Deus está colocado um pouco acima do nível do solo onde se encontra Adão, dando a

ideia de “**imponderabilidade**”, sensação essa tão frequentemente descrita pelas pessoas ao subir aos palcos de psicodrama. Isto sugeriu-nos o **desnível do estrado do psicodrama**.

O enquadramento da composição de Miguel Ângelo é essencial para a sua compreensão. Façamos a seguinte experiência: Observemos a figura 1. Façamos uma rotação da composição cerca de 45° no sentido dos ponteiros do relógio (figura 2), ignorando os elementos que emolduram as figuras dos dois personagens em questão. Se não conhecessemos a história e víssemos a figura assim colocada pela primeira vez, poderíamos perfeitamente imaginar que se trataria, por exemplo, de um jovem deus do Olimpo recebendo na sua celestial morada, um velho homem que acabava de cumprir o seu tempo de vida terrena. Isto lembrou-nos a importância do **enquadramento cénico** em psicodrama e de como isso facilita o assumir de um determinado papel.

“Deus fez o homem à sua imagem e semelhança” (Génesis, 1, 26 – 31) – Deus pretendia, assim, criar uma **imagem** de Si próprio. Para Miguel Ângelo, este espaço/minuto entre os dois dedos dos personagens de Deus e Adão (figura 1) seria uma primeira centelha de vida libertada nos dois sentidos: **Deus cria uma outra espécie de criador** - a divinização do homem e a simultânea humanização de Deus, consubstanciando-se numa **troca de papéis**. (Moreno, em “As Palavras do Pai” – Criação do Universo – XXIX: “...Então Eu disse: façamos um Criador, e um Criador apareceu”, na ideia de que - “Deus cria Deuses”).

“... E Deus viu que isso era **bom**” – frase que remata cada uma das descrições dos cinco primeiros dias da Criação, excepto o sexto: o da criação do Homem. Será que, assim, Deus já está a admitir a **imperfeição** no momento mais sublime da sua Obra da Criação?

O texto do Livro de Génesis só volta a referir que “Deus viu que isso era **muito bom**” após a criação do Éden, ou seja, depois de ter criado a **Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal**, proibindo ao ser humano a colheita dos seus frutos... só assim Deus parece completar a Sua obra, **paradoxalmente**, através do **pecado original**, e paradoxalmente, para que o homem seja livre de criar à sua maneira.

Assim inclui o Homem no Seu plano global. Não se contentando com a criação de um “**sujeito passivo**”, de uma simples **imitação** de Si próprio, mas pretendendo criar um Ser capaz de **Espontaneidade** e igualmente “**criador**”. No paradoxo omnisciente da Sua proibição.

Encenação psicodramática:

Em ambiente psicodramático, o protagonista é colocado no lugar de Deus, criando o seu próprio fruto proibido e os motivos porque o faz, sendo-lhe pedido um **solilóquio** nessa situação.

Revela-se assim o **protagonista/criador** que recria o **Ser Humano/ele próprio** à sua imagem e semelhança.

Invertendo o Papel com o Ser Humano/ele próprio, e introduzindo o diálogo com “**a serpente**” – reveladora do paradoxo, da incongruência do comportamento divino

com a classe dos comportamentos humanos que o classifica -, instiga-se o momento da realização do Eu que catarticamente se integra, libertando-se da condição de “criatura” e descobrindo-se protagonista “criador” (Moreno, pág.85).

Instrumentos:

- Director.
- Um ou dois egos auxiliares.
- Protagonista.
- Geralmente, um pequeno estrado com cerca de 80 cm de largura, colocado sobre o espaço dramático.

Condições básicas e critérios de inclusão:

Ambiente psicodramático.

Warming-Up adequado.

Cultura judaico-cristã do Protagonista

(não implica que seja crente e/ou praticante de qualquer religião).

Crítérios de Exclusão:

Ausência de informação mínima acerca destes trechos bíblicos (situação mais frequente em grupos etários mais jovens).

Doentes em crise.

Doentes com sintomatologia produtiva.

Protagonistas não colaborantes.

Colisão eventual com convicções religiosas que, de qualquer modo, considerem o tema “tabu” ou pecaminosa a representação da Pessoa de Deus.

Metodologia:

1. O protagonista assume o papel de Deus.
2. Relembra-se os **Sete dias da criação**, o **Éden**, e o **fruto da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal**.
3. Um dos egos auxiliares é escolhido para ser o “**Ser Humano**”.
Estrategicamente, omite-se, usualmente, o casal Adão e Eva, sendo o diálogo estabelecido entre Deus e o “Ser Humano” em geral (homem ou mulher), fixando-se assim a atenção do protagonista sobre este vínculo.
4. Enquanto cria o “FRUTO PROIBIDO”, O protagonista é convidado a fazer um Solilóquio, referindo as razões porque o faz.

5. O **protagonista/Deus** inverte o papel com o **ego/Ser Humano**.
6. Outro ego auxiliar (a **Serpente**), coloca o protagonista perante o **paradoxo**: informar o ser humano da postura incorrecta e contraproducente do Ser Divino, colocando-o constantemente em causa.
7. Espera-se o *insight* do protagonista e porventura a sua Catarse de Integração.

Crítérios tipológicos:

Não nos interessa que o protagonista conheça o jargão usado na tipologia dignóstica. Nem esta estará provavelmente adequada a uma identidade teórica psicodramática.

Limitamo-nos a dar alguns exemplos de respostas, acrescentado uma nomenclatura descritiva que, sendo psiquiátrica, é já suficientemente profana para ser entendida:

- - “Vou criar este fruto para **testar** o respeito, o amor, etc. do homem por Mim...” denotando **dúvida** e **insegurança** (traços obsessivos).
- - “Crio este fruto para que não restem dúvidas ao ser humano de que deverá sempre obedecer ao seu Senhor – o Senhor Deus do Universo”. Postura prepotente, sem oferecer alternativas (traços paranóicos).
- - “Sofro por ter de fazer isto e sei que assim farei sofrer o ser humano, mas faço-o por amor, para que seja livre...”. Altos valores morais, temática afectiva (traços depressivos).
- “A Minha obra não teria sentido se não fosse reconhecida. Terei de usar este estratagema para que o ser humano me preste atenção, caso contrário nunca sentiria que eu existo...” Postura apelativa (traços histriónicos).

Função terapêutica:

As dramatizações do Papel de Deus, remotam, na história do psicodrama à própria infância de Moreno (como ele próprio cita na sua autobiografia), quando, com quatro anos apenas, propõe às crianças com quem brincava: - “Vamos brincar a Deus e aos Anjos” – assumindo ele próprio o papel de Deus, e as outras crianças os seus Anjos.

Na sua única conversa com Freud, em 1912, Moreno dizia-lhe: - “Ensino às pessoas como se brinca a ser Deus”. E ao enunciar as características do **Acto Criador** refere-nos: - “Durante o processo de viver, actua-se muito mais sobre nós próprios do que propriamente actuamos. É essa a diferença entre uma **criatura** e um **criador**.” (Moreno, pág. 85).

Segundo Jay Haley, “Sempre que alguém proporciona a outro uma classe de comportamento que é incongruente com outra classe de comportamento que a classifica, estabelece-se um paradoxo.” E refere ainda que o paradoxo subjaz a toda intervenção psicoterapêutica (vide “O Papel de Deus como Modelo do Director de Psicodrama, A. Roma Torres).

Ao colocarmos o protagonista perante esta particular situação de paradoxo, proporcionamos-lhe um **encontro** consigo mesmo, abrindo o caminho à Catarse de Integração.

Para J. Rojas Bermudez (*Que es el Sicodrama?*, pág.^a 53), na Catarse de Integração, o que se revela é o próprio paciente que, ao sair de algo que o estava contendo, realiza o seu Eu, expressa-se, contacta com os outros integrantes da situação psicodramática na experiência vivida em comum.

Este jogo tem-se revelado útil, sob o ponto de vista terapêutico, como ilustra o caso clínico que apresentamos a seguir.

Um caso clínico:

Maria tinha 23 anos quando nos foi enviada pelo Dr. Roma Torres, a fim de se integrar num dos nossos grupos de psicodrama. Sofria de anorexia nervosa há vários anos, tinha tido já vários internamentos, tinha cumprido vários programas terapêuticos, incluindo Terapia Familiar. Vivia com os pais e os irmãos, estava desempregada nessa altura. Era assídua e participativa mas ainda manteve por alguns meses comportamentos anoréxicos.

Durante o “briefing” do final das sessões (director e ego auxiliar), colocávamos várias vezes a hipótese diagnóstica de se tratar de “síndrome *borderline*”.

Resolvemos então, um dia, pedir à Maria que fizesse o jogo do **Fruto Proibido**. Subiu para o pequeno estrado, ouviu a história da Criação e iniciou o seu solilóquio no sentido de criar o seu “fruto proibido”. Com o dedo em riste começou por dizer: -“O ser humano tem de aprender a quem deve obedecer. Dirigiu-se então ao ego/ser humano e proibiu-o de comer deste fruto, caso contrário sucumbiria. O ego/serpente ripostou, dirigindo-se ao ser humano, dizendo-lhe que Deus mentia, pois se comesse do fruto não morreria, mas sim, seria Senhor do Conhecimento; além do mais aquele Ser era prepotente, desprovido de amor, não era suposto que Deus fosse assim.

Maria, espontaneamente reiniciou o jogo, referindo desta vez que criava o fruto para **testar** o homem. A serpente retorquiu para o ser humano que Deus é omnisciente, não precisa de testar coisa nenhuma.

A Maria recomeçou de novo, desta vez referia que era necessário que assim fosse para que o ser humano fosse livre e que o fazia apenas por amor, apesar de saber que ambos (Deus + Ser Humano) iriam sofrer. A serpente retorquiu que tal coisa não pode ser própria de Deus: enganar o Ser Humano; fazê-lo sofrer? Isso é sadismo, não é próprio de um Deus...

Maria “percorreu” toda a psicopatologia caracterial até que lhe foi pedido que invertesse o papel com o Ser Humano. Como “boa anoréxica” que era, recusou-se determinantemente a comer o fruto mesmo quando pressionada pela serpente, que agora até já argumentava que o comesse ou então a história bíblica nem sequer podia existir...

Inverteu de novo de papéis com Deus enquanto o Ser Humano (que não tinha, afinal, pecado) galopava por entre os outros animais, indiferente à presença de Deus. A protagonista, por sua vez, sentia-se muito só nesta postura, segurava o seu Fruto Proibido que afinal para nada servia; era assim, um Deus **autista** para o qual não fazia qualquer sentido a Obra da Criação.

Várias vezes evocou este jogo durante o seu processo terapêutico. Actualmente trabalha na cozinha do hospital, tem um aspecto muito saudável, não tem tido recaídas.

Bibliografia:

Furse, J. – *Michelangelo and his art* , The Hamlin Publishing Group limited, London, 1975

Miles, J. – *Deus, uma biografia*, Editorial Presença, Lisboa, 1997

Moreno, J.L. – *Psicodrama*, Cultrix, São Paulo, 1987

Moreno, J.L. – *As palavras do Pai*, Editorial Psy, Campinas, 1992

Nudel, B. J. – *Moreno e o Hassidismo*, Ágora Lda., São Paulo, 1993

Rojas-Bermudez, J. G. – *Que es el Sicodrama?*, Editorial Celcius, Buenos Aires, 1984

Roma Torres, A. – *O papel de Deus como modelo do director de psicodrama*, Revista da Sociedade Portuguesa de Psicodrama nº 1, Edições Afrontamento, Janeiro de 1994